

desbastá-lo torná-lo cada vez mais abstracto sem nunca poder libertar-se d'êles completamente. A lógica formal opera sôbre juízos determinados, mesmo quando considera os seus conteúdos como simples pretextos para a aplicação da forma. Como observa Hegel, a identidade varia de conteúdo, absolutamente simples, não pode sequer ser formulada». A lógica só é um instrumento útil na ciência do homem quando os seus processos não *violentam* a realidade, impondo-lhe determinadas metafísicas do sêr (a aristotélica por exemplo).

O pensamento do homem começou por ser «morfológico-estrutural» (1), começou por individualizar a natureza, separando-a em sêres individuais, independentes. Essa fase corresponde à chamada *prè-lógica* ou *lógica da participação*. «Antes de conhecer a ligação dos efeitos físicos entre eles, — escreve Turgot — não houve nada mais natural do que supôr que eles eram produzidos por sêres inteligentes, invisíveis e parecidos conosco; pois com que deviam êles parecer-se?...» (citado por Brunschvicg, *Les Âges de l'Intelligence*, pp. 3-4). A *lógica animista* (*participação* da imagem do homem na explicação dos fenómenos naturais) sucede a *lógica judicatória*, a *lógica da implicação* de Aristóteles (os conceitos ou idéias teem uma certa *extensão*; a idéia de árvore, por exemplo, *abrange, estende-se*, a tôdas as árvores; a idéia de pinheiro *estende-se* a todos os pinheiros. O pinheiro que está, pois, no meu jardim, está *implicado* na *extensão* do conceito de pinheiro, o conceito de pinheiro, por sua vez, está *implicado* na *extensão* do conceito de árvore, logo, o pinheiro do meu jardim

(1) Segundo a expressão, me parece feliz, que Bréhier tira dum «filósofo alemão» cujo nome não cita.

está *implicado* na *extensão* do conceito de árvore). A lógica aristotélica mantém-se durante muito tempo e a própria quantificação do predicado de Hamilton é uma correção epidérmica e supérflua. Mas os progressos da ciência exigem uma nova lógica, a *lógica da relação*. Surge a *lógica* de Morgan e depois a de Boole; a *matemática* serve-lhes de padrão.

O carácter absoluto, intemporal da *lógica formal*, é pois contradito pela sua própria evolução e enriquecimento sob os empurrões do trabalho experimental. Nestas circunstâncias a *lógica* desdiviniza-se, torna-se humana. A *lógica* procurou sempre sair do campo da *psicologia*. Ambas tratavam do pensamento; mas a *lógica* tinha como objecto o pensamento formal, as regras do pensamento como correcto, como inferência *necessária*. Por sua vez a *psicologia* estudava o pensamento real do indivíduo concreto. Esta maneira de colocar o problema falseava ao mesmo tempo a *lógica* e a *psicologia*. Falseava a *lógica* porque a tornava independente do homem, da história do homem, das vicissitudes das suas relações, como sêr cognoscente, com a natureza. A *lógica* ficava como um automatismo formal existindo fora do espaço, como uma entidade metafísica. Falseava a *psicologia*, falseava o estudo do homem, porque o amputava dum dos instrumentos mais felizes por êle criado na sua aventura de desvendamento dos segredos naturais. A *lógica* é típica, é fundamental, como reacção do homem no meio do universo; uma *psicologia* que a não tenha em conta não tem em conta o homem total, tal como êle foi realmente na sua história, tal como êle é realmente no drama da sua existência no Cosmos. As fronteiras entre a *psicologia* e a *lógica* teem de ser desfeitas, — é essa uma das condições da *Ciência unitária*.

P E D R O V I L A R

